

ANTES DE TUDO, NÃO FAÇA O MAL - TODAS AS CRIANÇAS DEVEM VOLTAR À ESCOLA E À INTERAÇÃO SOCIAL, DEVENDO SER ELIMINADAS AS REGRAS QUE LEVAM A MAUS-TRATOS INSTITUCIONAIS

Todas as crianças devem regressar à sociedade e à escola em turmas no tamanho normal e num espírito de acolhimento benevolente, consistente com os valores da Escola da República.

À medida que a epidemia diminui e o risco para a saúde diminui, o país volta ao trabalho constatando **um grande paradoxo: as crianças, que são pouco afetadas por este vírus, têm sido aquelas que são objeto das medidas mais prejudiciais.**

Há muitos testemunhos de pais e cuidadores sobre o desrespeito aos direitos e necessidades básicas das crianças. Hoje e desde junho, apesar dos dados científicos internacionais que se acumulam e confirmam que as crianças são menos infectadas e menos transmissoras do que os adultos, as medidas prejudiciais para as crianças e jovens, ainda em vigor, tornam claro que as autoridades não estão a visar o superior interesse da criança e não estão a ter na devida consideração os conhecimentos médicos da sua saúde física, mental e social.

Os comunicados anteriores

A partir de 26 de abril, todas as vinte sociedades científicas de pediatria e especialidades médicas da infância recomendaram por unanimidade pelo regresso de todas as crianças às suas escolas, incluindo aquelas com doenças crónicas. Novamente, a 13 de maio, emitiram um novo comunicado sobre o assunto, enfatizando, por um lado, que *"é urgente que os adultos controlem os seus medos devendo levar a vida avante pelo bem das crianças"* e, por outro lado *"Abrir escolas e comunidades também é essencial para impedir todos os efeitos prejudiciais do confinamento nas crianças"*.

Maus-tratos institucionais

Quatro semanas após a reabertura gradual das escolas, estabelecida pelo governo a 11 de maio, as condições para o acolhimento de crianças na sociedade e na escola são muito díspares e por vezes drásticas quando aplicadas à letra, levando a maus-tratos institucionais.

Acolher as crianças na sociedade

Hoje, é mais do que tempo de assumirmos o papel de adultos protetores e de que todos os locais de socialização recebam novamente crianças de todas as idades para promover sua saúde física pela retoma das atividade física, para promover a sua saúde mental protegendo-as das nossas ansiedades e dando-lhes o direito a descontrair e à sua saúde social, permitindo-lhes reencontrar as interações com as crianças da sua idade. É também urgente que os alunos em dificuldade, mas também aqueles que não têm a sorte de ter as famílias ajustadas às suas necessidades e para quem a escola, os campos de atividades e as atividades de ocupação coletiva neste

Verão são contributos essenciais para a sua a saúde global, possam beneficiar novamente desses locais de acolhimento e socialização.

As regras sanitárias podem e devem ser aligeiradas e simplificadas

Esperar pelo correr do ano letivo para aligeirar e simplificar as regras sanitárias seria prejudicial para as crianças privadas de escola por mais de 6 meses e reforçaria ainda mais as desigualdades sociais. Este período de transmissão muito baixa do vírus deveria, pelo contrário, ser usado para testar novos protocolos sanitários menos restritivos e mais flexíveis, para que o início ano letivo em setembro ocorra nas melhores condições possíveis para as crianças. Esta epidemia também deve ser uma oportunidade para melhorar nossas práticas de higiene de bom senso para crianças e o respeito de medidas de barreira por adultos que serão muito úteis para as próximas infecções de inverno, como a gripe, a bronquiolite ou a gastroenterite.

Os adultos devem tomar consciência que as crianças estão longe de terem tido a sua saúde protegida desta pandemia, tiveram isso sim a sua saúde sacrificada e prejudicada pelas medidas aplicadas.

No momento em que as regras sanitárias podem e devem ser aligeiradas e simplificadas, todas as sociedades científicas médicas pediátricas reiteram mais ainda o seu pedido de reabertura completa e imediata das escolas e de todas as comunidades das quais nossos filhos beneficiarão muito.

Prof. Christophe Delacourt, Presidente da Sociedade Francesa de Pediatria

Prof. Robert Cohen, Presidente do Grupo de Patologia Infecciosa Pediátrica

Prof. Elise Launay, Presidente do Grupo de Pediatria Social

Dra. Martine Balençon, Presidente da Sociedade Francesa de Pediatria Médico-Legal

Dra. Fabienne Kochert, Presidente da Associação Francesa de Pediatria Ambulatória

Co-redatores:

Prof. Christèle Gras-Le Guen, Secretário-Geral da Sociedade Francesa de Pediatria

Dra. Nathalie Vabres, Pediatra, Unidade de Acolhimento de Crianças em Perigo CHU Nantes

https://afpa.org/content/uploads/2020/06/Tribune_11-juin-2020.pdf